

## FOTOGRAFIAS DE CASAMENTO: MEMÓRIAS COMPARTILHADAS A PARTIR DE ACERVOS PESSOAIS

FRANTIESKA HUSZAR SCHNEID  
FRANCISCA FERREIRA MICHELON

<sup>1</sup>UFPEL- *frantieskajs@gmail.com*

<sup>2</sup>UFPEL- *fmichelon.ufpel@gmail*

### 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa da qual se origina este trabalho investiga o modo como fotografias de casamentos eram inseridas em uma trama de compartilhamento que gerava um suporte de memória deste rito. O período observado compreende os anos entre 1940 e 1969, período no qual se observa que era usual e frequente os casais presentear parentes e alguns amigos muito próximos com fotografias da cerimônia ou do casal. A ocorrência é abordada a partir de um referencial teórico que discute o papel da fotografia como um suporte para a memória familiar. Observa-se, do mesmo modo, como esses registros informam sobre um ambiente pleno de elementos que constam significativamente nas imagens e que indicam modos de viver, de se apresentar, de se fazer lembrar. Ressalta-se a importância de alguns elementos como os cenários em que foram registradas as fotos, as poses dos fotografados e os objetos que compõem a cena e a indumentária.

A fotografia aqui é abordada não como ilustração de texto escrito, mas, ela própria, como evidência histórica e protagonista da história, um instrumento portador de memória. A fotografia pode ativar a memória e reavivar sentimentos antes esquecidos. Felizardo e Samaian (2007, p. 217) afirmam que “é incontestável afirmar que a fotografia pode ser considerada um dos grandes relicários, documento/ monumento, objeto portador de memória viva e própria”.

Mauad (1998, p. 4) fala da possível relação da fotografia como lugar de memória: “portanto, a fotografia apresenta, para então, representar – assumir a sua dimensão de mensagem significativa, de classificação ou, quiçá, de lugar de memória”. A mesma autora ao falar de objetos de memória afirma também que “a prática de trocar fotografais e de guardá-las em álbuns, ratificou a padronização da imagem retratada, como forma de garantir a comunicação entre fotografias, concebidas como objetos de memória” (1998, p. 7).

A fotografia que tem potencial evocador de imaginar o passado de modo mais vivo, tanto cumpria, assim, a função de registro como possibilitava que o compartilhamento fosse estendido para além da sua ocorrência. Segundo Leite (1991, p. 187), em seu estudo sobre retratos de família:

Os retratos são objetos de exibição e distribuição entre convidados e parentes que não puderam comparecer, desenvolvendo assim uma função integradora dos membros e ramos imigrados com os que ficaram na terra de origem. E passam a construir a memória da família, fixando lembranças da crônica oral e registrando para os descendentes o grande evento matriarcal.

Existem pessoas dentro de cada família responsáveis por ser o elo entre as gerações. São mediadores que tem o papel de transmitir a história e as “marcas” do passado vivido. Barros (1989, p. 33) fala destas pessoas como “referência fundamental para a reconstrução do passado”. No grupo familiar a mesma autora

destaca a figura do guardião ou guardiã, aquela pessoa escolhida para cuidar e transmitir a memória familiar do grupo. Para Halbwachs (*apud* Caixeta, 2006, p. 161),

a tarefa de guardar, é também uma tarefa criativa, de construção de 'museu da família'. Através dele, as famílias podem encontrar suas histórias e os objetos que fizeram parte de sua construção e construir novos significados para si-mesmos e para o próprio grupo.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia aplicada estrutura-se em estudo de caso, com pesquisa bibliográfica, pesquisa historiográfica em periódicos da época e principalmente fontes iconográficas, através das fotografias fornecidas pelas entrevistadas.

A partir das entrevistas, forma-se um banco de dados com depoimentos, que será fundamental para analisar as fotografias. Elas explicarão foto a foto, quais são os personagens do passado retratados e em que contexto foram feitas. Cerqueira, Peixoto e Gehrke (2008, p.169) nos falam desta combinação "...as lembranças orais foram se mesclando com fotografias que apareciam conservadas em gavetas, caixas ou se encontravam na sala, suspensas nas paredes sobre nossas cabeças".

Os procedimentos metodológicos adotados empregarão técnicas utilizadas na história oral, a partir de entrevista semi-estruturada, com perguntas abertas – permitindo às entrevistadas relembrem os usos e costumes de uma época distante, mas ainda presente na memória.

O roteiro elaborado para leitura das fotografias prioriza os dados concretos sobre a fotografia; dados sobre o conteúdo da fotografia; e os dados exteriores à fotografia. Baseado nas fichas de análise fotográfica utilizadas por Mauad (1996) serão construídas fichas para catalogar as fotografias aqui estudadas. Elementos como local, data, pessoas, fotógrafo, cenário, indumentária, objetos, material e tipo de dedicatória serão analisados para que haja uma catalogação das fotografias.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As fotos analisadas neste estudo são tiradas na igreja, no local da celebração ou no estúdio, procedimento que acontecia após a celebração religiosa do casamento e muitas vezes dias depois da data da festa. O estúdio fotográfico era uma espécie de camarim, palco, cenário, pois recriava ambientações pretensamente requintadas, embora não muito diversas entre si. Mobiliário variado, objetos decorativos e ornamentais, peças de vestuário, acessórios, painéis, biombos, telões faziam parte do universo dos estúdios fotográficos. O uso destes recursos cumpria papel importantíssimo na produção de mensagens por meia da ambientação ilusória. Schapochnik (1998, p. 482) fala que "nos ambientes abertos, lençóis e colchas usados como pano de fundo serviram para ocultar indícios de rusticidade ou de apuro financeiro...".

Em relação ao noivo, observa-se que não há vestimenta especial ou símbolos específicos. Ao longo das três décadas analisadas eles apresentam-se de ternos escuros, camisa branca, lenço branco no bolso do paletó, gravata ou gravata borboleta escura ou clara e sapatos pretos.

No que se refere aos símbolos contidos no casamento, a aliança aparece como signo da indissolubilidade do casamento, o círculo de ouro representa

compromisso eterno e sempre presente no dedo anelar da mão esquerda como símbolo de submissão. Ferro (*apud* Santos 2009, p. 148) fala que “a troca de alianças é uma das partes simbólicas mais importantes da cerimônia de casamento, e sem ela o matrimônio não se completa”.

#### 4. CONCLUSÕES

Sontag (*apud* Amaral, 1983, p. 118) diz que: “através da fotografia, cada família constrói uma crônica - retrato de si mesma- uma coleção portátil de imagens que testemunha sua coesão”. Mitsi e Souza (2008, p. 147) afirmam que “O retrato em si é a prova concreta da união matrimonial, tornando-a pública, legitimando o casamento e a nova família que aí se inicia, além de se fixar como memória da mesma”. Le Goff (2003, p. 460) destaca que “é a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica”.

O grupo de fotografias do qual parte este estudo é característico das colocações feitas: reúne imagens que foram produzidas ao longo de três décadas e resultam deste compartilhamento. As fotografias vão formando o fio da teia, tecendo imagens e recordações que unem o passado e presente, ascendentes e descendentes. Estes retratos não apenas conservam o passado, mas principalmente produzem referências para a rememoração do presente. É fundamental a manutenção das fotografias, dos álbuns de família, pois o passado, o presente e o futuro estão atrelados a nossa memória. Schapochnik (1998, p. 461) expõe a relação entre as fotografias e o vocabulário familiar, afirmando a importância deste recurso na perpetuação da memória das famílias como objeto de rememoração pela posteridade:

Passo a passo, a cada nova exposição recompõe-se o léxico familiar, tecido de lembranças e esquecimentos, familiaridade e estranhamento, amor e ódio, invocando os semblantes e traços daqueles que jazem eternizados nas fotografias.

Felizardo e Samain (2007, p. 210) nos dizem que “... memória e fotografia se (con)fundem, são uníssonas, uma está contida na outra, estão intrinsecamente ligadas, fundamentalmente ‘enamoras’”. O casamento é um evento que os envolvidos consideram digno de memória, e dentre as formas de preservação histórica do casamento se destaca a fotografia, graças a sua capacidade de congelar instantes, transformando-os em imagens. Esta celebração, a partir dos anos 40, passa a ter direito inclusive a um álbum próprio, no qual todos os momentos da cerimônia são retratados.

É possível verificar a possibilidade da leitura fotográfica de família como documento histórico. Registro não só de memória familiar, como também de comportamentos, relações familiares, vestimentas, ritos de passagem, história da família. A fotografia de casamento consegue recriar o rito do casamento com seus símbolos e cenas próprias. As fotos vão muito além do documento, integram uma narrativa visual que consiste em possibilitar ao espectador em qualquer tempo, rememorar, reiterar o rito, ou, noutras palavras: revivê-lo, não como passado, mas como se fosse presente.

A escolha de utilizar as fotografias neste estudo deu-se por acreditar que é uma categoria de imagem rica em signos, e que além de se apresentar como memória familiar, permite a leitura de uma cultura material da época. Pretende-se, por fim, verificar como o registro da imagem permite que famílias acumulem durante anos fragmentos capazes de constituírem-se como um lugar de memória.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livro

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5.ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003

### Capítulo de livro

AMARAL, Aracy. Aspectos da comunicação visual numa coleção de retratos. In: MOURA, Carlos Eugênio de M. **Retratos quase inocentes**. São Paulo: Nobel, 1983. Cap. X, p. XX-XX

CERQUEIRA, Fabio Vergara; PEIXOTO, Luciana da Silva; GEHRKE, Cristiano. Fotografia e memória social: Etnografia de uma experiência em um núcleo rural de colonização italiana em Pelotas. In: MICHELON, Francisca; TAVARES, Francine (Org.). **Fotografia e Memória**. Pelotas: Editora e gráfica Universitária da UFPel, 2008. Cap. X, p.163-209.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: NOVAIS, Fernando A. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1998. v. 3. Cap. X, p. 457- 489.

### Artigo

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.29-42, 1989.

FELIZARDO, Adair; SAMAIAN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. In: **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.3, n.3, p. 205-220, 2007.

LEITE, Miriam Moreira. O retrato de casamento. In: **Novos Estudos CEBRAP**, n.29, p. 182-189, mar. 1991.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**. Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.73-98, 1996.

MITSI, Márcia Ecléia Manha; SOUZA, Maria Irene Pellegrino de Oliveira. A fotografia como evidência histórica: retratos da família Mitsi. In: **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.4, n.5, p. 131-158, jul/dez. 2008.

### Tese/Dissertação/Monografia

CAIXETA, Juliana Eugênia. **Guardiães da memória: tecendo significações de si, suas fotografias e seus objetos**. Brasília, 2006. Tese (Doutorado) do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, 2006. 224f.

### Resumo de Evento

MAUAD, Ana Maria. Imagens de passagem: fotografia e os ritos da vida católica da elite brasileira, 1850-1950. In: **VIII ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH**, 1998, Vassouras. Anais eletrônicos. Vassouras: ANPUH, 1998. Disponível em : < [http://www.rj.anpuh.org/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=307](http://www.rj.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=307)> , Acesso em 19/06/2013.